

O número 500: a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como patrimônio nacional brasileiro

Quando se pensa em cultura brasileira, diversas imagens vêm à mente: a música, a culinária, as obras arquitetônicas, os ritos e as celebrações que ajudam a definir nossa identidade coletiva. Espaços, histórias, memórias e construções simbólicas se entrelaçam na formação do que reconhecemos como patrimônio nacional. Raramente, porém, refletimos sobre o papel que uma revista ou uma publicação periódica pode desempenhar nesse universo. Em geral, não imaginamos que uma publicação possa alcançar tamanha relevância a ponto de ser considerada, ela própria, um patrimônio cultural.

No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entretanto, pensamos de forma diferente. Acreditamos que uma revista — ou, como costumamos dizer com carinho, “a nossa Revista” — pode, sim, ser compreendida como patrimônio nacional. Seja por sua longevidade, que alcança impressionantes 187 anos de existência ininterrupta, seja pelo vasto conjunto de conhecimentos, documentos e reflexões que preserva e divulga, a Revista do IHGB tornou-se um patrimônio não apenas da comunidade acadêmica brasileira, mas da própria nação.

Ao reproduzir documentos inéditos, publicar pesquisas originais, estimular o debate intelectual e registrar diferentes interpretações sobre o passado brasileiro, a Revista consolidou-se como uma instituição em si mesma. Ao longo de quase dois séculos, acompanhou transformações políticas, sociais e culturais do país, contribuindo para a construção da historiografia nacional e para a preservação da memória coletiva.

Chegar ao número 500 representa, portanto, muito mais do que atingir uma marca editorial expressiva. Significa celebrar uma trajetória singular de continuidade, rigor intelectual e compromisso com a produção e difusão do conhecimento histórico. Poucas publicações brasileiras podem reivindicar uma história tão longa e tão intimamente ligada à própria formação da cultura letrada e da consciência histórica do país.

Esta edição comemorativa procura refletir essa tradição. Os trabalhos aqui reunidos abordam personagens, instituições, ideias, documentos e acervos que, de diferentes maneiras, ajudam a compreender a construção do Brasil e a trajetória do próprio Instituto. Ao mesmo tempo, reafirmam a vitalidade da pesquisa histórica e a capacidade permanente da Revista de acolher novas interpretações, novas perguntas e novos olhares sobre o passado.



Ao celebrar este volume 500, celebramos também todos aqueles que, ao longo de gerações, escreveram, editaram, pesquisaram, preservaram e leram estas páginas. A Revista do IHGB permanece, assim, não apenas como testemunha da história brasileira, mas como uma de suas protagonistas mais duradouras, renovando a cada número sua missão de preservar a memória nacional e contribuir para a compreensão crítica do Brasil.

Em atividade contínua desde sua criação em 1839, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* – uma das mais antigas publicações periódicas em circulação – alcança, nesse início de 2026, o número 500. É uma trajetória de quase dois séculos enfrentando muitas dificuldades financeiras e pessoais para a elaboração de seus números. Mas a *Revista* lutou e sobreviveu, ainda que com percalços, sempre com muito êxito, renovando-se continuamente de acordo com os tempos em que se insere. Seu mérito foi reconhecido inúmeras vezes, por exemplo, em 2016, quando obteve o registro nacional do Programa Memória do Mundo da Unesco, confirmando seu valor excepcional como acervo bibliográfico e que deve ser protegido para benefício da humanidade. Desse modo, cada número da *Revista* representou e representa um trabalho de grande magnitude, a fim de possibilitar uma reflexão capaz de contribuir para o conhecimento da História do Brasil, de sua historiografia, de sua relação com o mundo em que se vivemos, bem como de temas que tratam de problemas atuais da realidade em suas diversas amplitudes.

Iniciada pelo fundador e secretário do Instituto, em 1839, o cônego Januário da Cunha Barbosa, no Rio de Janeiro, apresentava como missão ensinar e divulgar conhecimentos, mas sobretudo elaborar uma visão da História do Brasil que se dedicasse à exaltação da pátria, atendendo às demandas de grupos políticos e intelectuais que elaboravam um projeto de Estado Nacional e de identidade brasileira. Viabilizar tal tarefa não era fácil, tendo em vista as inúmeras identidades que se configuravam nos contrastes regionais desse imenso território e nas diversidades de suas populações. Coube ao IHGB, por meio de seu periódico, procurar amalgamar essa multiplicidade de elementos, ao tentar homogeneizar esse imenso território em um todo nacional harmônico, capaz de fornecer uma proposta viável sobre o que poderia ser a nação brasileira. Desse modo, se o Brasil, ao alcançar sua independência, havia adquirido uma fachada de país civilizado nos trópicos, muitas vezes, ao longo da primeira metade do oitocentos, faltou-lhe a alma de uma nação. Tal construção foi a contribuição do Império do Brasil, mas também, do IHGB por intermédio dos ensinamentos de sua *Revista*.

Ao longo desses inúmeros anos de existência, a *Revista do IHGB* registrou fatos, revisitou eventos e personagens do passado em datas como centenários, sesquicentenários e bicentenários, mas, sobretudo procurou compreendê-los, a fim de acumular experiências e obter novos horizontes. Foi e continua sendo uma imensa responsabilidade para si, quando emerge do pesadelo atual o retrato sem retoques de um país tão frágil, injusto e desigual, cujas raízes situam-se em um passado, que tantos ainda desconhecem. Sempre por meio de uma visão diversificada e multifacetada, a *RIHGB*, através de seus pensadores, críticos, historiadores, cientistas sociais, procura se situar nesses momentos de crise e de reflexão. Elabora desse modo uma crítica construtiva, que busque respostas ou ausência de soluções aos problemas vivenciados por nosso país. Mas, sem procurar no passado o presente vivido. Ou emprestar vida àquele a fim de formular saídas para as assombrações do presente. Esses são seus objetivos atuais, que muito se ampliaram desde aqueles que a constituíram em 1839, demonstrando sua atualidade e vitalidade.

Nesse sentido, a *RIHGB*, ao longo desses inúmeros anos, possui por foco principal publicações de pesquisas sobre a realidade nacional, especialmente sob a perspectiva historiográfica, mas também englobando as Ciências Sociais de modo geral. Desta forma, seu escopo abarca a história brasileira, tópicos de geografia, demografia, antropologia, sociologia, ciência política, direito, economia, cultura, entre outras dimensões interdisciplinares que estes assuntos mobilizam. Visa, assim, contribuir para a preservação da memória nacional, para a difusão do conhecimento científico e para repensar as crises e problemas do mundo em que vivemos.

Procurando estimular a pesquisa e garantir o acesso a fontes primárias fundamentais para a compreensão do Brasil, a revista segue a tradição, existente desde seus primeiros números, de também publicar documentos cuja transcrição tem sido frequentemente utilizada pela historiografia. Dessa forma, a revista não constitui apenas a produção científica do país, mas também a preservação da divulgação de fontes.

Esse número que se apresenta – o número 500 – não podia ser elaborado de outra maneira. Revivendo temas relacionados ao IHGB, procurando explorar o rico acervo dessa instituição – tanto a biblioteca quanto o arquivo, sem esquecer o precioso museu e as memórias que guarda –, esse exemplar, mais do que comemorar uma simples efeméride, procura montar um caleidoscópio do passado que serve para refletir sobre o presente.

O número 500 começa de forma bem especial. Em “Os Editores da Revista do Instituto – Breve Notícia”, Arno Wehling relaciona todos os editores da Revista do IHGB, oferecendo um panorama de suas atuações e contribuições para a construção da trajetória intelectual e editorial da publicação.

“Grandeza e decadência dos brasileiros: a historiografia política de Joaquim Nabuco em Um Estadista do Império”, de Christian Edward Cyril Lynch, abre o volume com uma reflexão sobre a interpretação histórica e política de Joaquim Nabuco acerca do Segundo Reinado. O autor demonstra como a obra articula teoria política, liberalismo moderado e narrativa histórica na compreensão da experiência imperial brasileira.

Em “Rodolfo Garcia e a tradição hermenêutica na historiografia brasileira”, Arno Wehling destaca a contribuição de um dos mais importantes historiadores brasileiros para o desenvolvimento de métodos críticos e hermenêuticos de interpretação histórica. O estudo evidencia a originalidade de sua produção intelectual e sua atuação no IHGB.

No artigo “O Barão do Rio Branco e as arbitragens que formaram o Brasil ou lições de advocacia do Barão”, José Roberto de Castro Neves revisita episódios decisivos da diplomacia brasileira, evidenciando a habilidade técnica, jurídica e estratégica de Rio Branco na definição das fronteiras nacionais.

Ao analisar como “Carl von Martius escreve a versão de base do mito da democracia racial nas páginas da Revista do IHGB”, Lilia Moritz Schwarcz investiga a influência duradoura das ideias formuladas pelo naturalista alemão sobre mestiçagem, identidade nacional e formação do imaginário brasileiro.

Em “O tempo do vice-rei Luís de Vasconcelos e Souza no Rio de Janeiro (1779-1790)”, Helena Trindade de Sá examina a administração colonial em um período de mudanças na política portuguesa, destacando as conexões entre as diretrizes metropolitanas e a governança da América portuguesa.

“A fundação do “Instituto Histórico-Geográfico del Río de la Plata” (1854) e a atuação da intelectualidade “rioplatense” na construção do regime constitucional argentino, de Alfredo de Jesus Dal Molin Flores e Frederico Paganin Gonçalves, analisam a circulação de modelos institucionais e historiográficos na região platina, ressaltando a influência exercida pelo IHGB.

Em “Curso Capistrano de Abreu (1953): a consagração do homem à História”, Matheus Rodrigues investiga as homenagens prestadas pelo IHGB ao historiador cearense e mostra como sua memória foi associada à consolidação da História como disciplina acadêmica.

“José Maurício Nunes Garcia e sua obra-prima: a Missa de Santa Cecília”, de Rosana Lancelote, combina biografia, análise musical e reflexão interpretativa para apresentar uma das mais importantes composições da música brasileira oitocentista.

“O ato historiográfico de julgar: retificação e reparação da Independência no Maranhão (1885 e 1923)” de Aline Menoncello discute como diferentes autores recorreram à escrita da história para revisar interpretações e promover formas de reparação simbólica da memória maranhense.

“A batalha naval de 1640: a tradução de José Hygino na Revista do IHGB (1895)”, de Leandro Oliveira, examina a publicação de um relato neerlandês sobre a guerra contra os holandeses, ressaltando sua relevância para a história marítima e militar do Brasil.

Em “Aterrando o mal pela raiz: notas sobre a proposta da Inspetoria-Geral de Higiene Pública para a extinção da Lagoa Rodrigo de Freitas (1886)”, Thiago Santos Mathias da Fonseca analisa um projeto radical de saneamento urbano e os debates científicos que o sustentaram.

“Advogado, diplomata, estadista: a política externa de Francisco Gê Acayaba de Montezuma (1816-1867)”, de Paulo Fernando Pinheiro Machado, recupera a atuação de um dos pioneiros da diplomacia brasileira e seu papel na construção internacional do Brasil independente.

Em “O vaqueano Capistrano de Abreu e o sertanejo Varnhagen, André Ricardo Heráclio do Rêgo aproxima dois nomes centrais da historiografia brasileira a partir de suas relações intelectuais e simbólicas com os sertões.

“Frei Vicente do Salvador: histórias da vida privada e a História do Brasil”, de Paulo Roberto Pereira, revisita a obra do cronista seiscentista, destacando a presença do cotidiano e das experiências particulares em sua narrativa histórica.

No texto “João Pandiá Calógeras no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, Antônio Celso Alves Pereira apresenta a intensa participação do intelectual na vida do IHGB, enfatizando sua atuação como conferencista, professor e homem público.

Encerrando a primeira seção da edição, “Modos de existir: igualdade e dependência no discurso da codificação civil (Brasil, 1824-1916)”, de Samuel Rodrigues Barbosa e Gabriela Back Lombardi, oferece uma reflexão inovadora sobre os conceitos de igualdade, capacidade jurídica e hierarquia presentes na formação do direito civil brasileiro.

Como os leitores podem perceber, o número 500, ao publicar trabalhos inéditos e apresentar boa parte do que melhor se produz no Brasil, torna-se um marco na história da revista, mas também na cultura nacional.

Na “Comunicações: Documentação e Acervo do IHGB”, nesta edição comemorativa, apresentamos publicações sobre a documentação e o acervo do IHGB.

Abrindo esta seção, “Guardar a história: construção da reserva técnica e práticas de conservação da coleção do IHGB”, de Helena Jensen, Ione Couto, Paulo Knauss e Tayana Costa, analisa a trajetória de organização e preservação do acervo museológico do Instituto. O artigo demonstra como a recente readequação da reserva técnica consolidou novas práticas de conservação, documentação e pesquisa.

Em “As fivelas do padre José Maurício: contextualização, datação e considerações sobre seu uso e origem”, Cecília Soares toma como ponto de partida um par de peças preservadas no Museu do IHGB para reconstruir aspectos da cultura material entre os séculos XVIII e XIX. A investigação revela como objetos aparentemente modestos podem iluminar transformações sociais e culturais mais amplas.

“Memória e história: o IHGB e o arquivo pessoal do General Osório”, de Guilherme de Mattos Gründling, acompanha a formação e incorporação do acervo documental do célebre militar ao Instituto. O estudo evidencia os processos de seleção, preservação e construção da memória pública de uma das figuras mais emblemáticas do Império.

Voltando-se para a história da preservação documental em escala nacional, “A criação do Projeto Resgate “Barão do Rio Branco” (1966-1995)”, de Maria Renata da Cruz Duran, reconstrói os bastidores da concepção de uma das mais importantes iniciativas de recuperação de fontes históricas relativas ao Brasil conservadas no exterior.

Na mesma temática, “O Projeto Resgate Barão do Rio Branco na história do IHGB: herança arquivística, ambição historiográfica e democratização do acesso à informação (1838–2022)”, de João Carlos Nara Jr., examina a longa trajetória do projeto, seus resultados expressivos e os desafios ainda existentes para a consolidação do acesso público ao vasto patrimônio documental reunido.

No texto “O Arquivo IHGB”, Jaime Antunes e Sônia N. de Lima apresentam ao leitor a estrutura, os serviços e as iniciativas voltadas à difusão do acervo documental da instituição. O texto reafirma a importância do Arquivo como espaço de pesquisa e preservação da memória nacional.

“O arquivo onde a história não dorme: a Condessa de Barral e seus ecos no IHGB”, de Ana Cristina Borges López M. Francisco, lança um novo olhar sobre Luísa Margarida de Barros, destacando sua atuação intelectual e educacional. A autora demonstra como os documentos preservados pelo Instituto permitem ampliar a compreensão de sua relevância histórica.

A partir de uma experiência pessoal de investigação, “Os códices da coleção “Família César de Meneses” e o governo do Estado do Brasil: trajetória, política e administração do vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses (1720-1735)”, de Hélida Santos Conceição, apresenta um conjunto documental de extraordinário valor para o estudo da administração colonial portuguesa.

Em “Vivências no Arquivo: as experiências dos estagiários e bolsistas no Arquivo IHGB”, Alecsander da Silva Fernandes, Ana Beatriz Rodrigues de Araújo, Bruno Higino Costa dos Santos, Julia Santos Neffa Vieira de Castro, Leonardo Nogueira da Rocha e Luiza Costa da Fonseca compartilham as atividades desenvolvidas por jovens pesquisadores na organização, descrição e difusão de importantes fundos documentais.

“O arquivo como patrimônio moral: curadoria hereditária e a invenção da tradição familiar Pessôa (1890-1962)”, de Iordan Queiroz Gomes, propõe uma reflexão sobre a construção da memória familiar e política a partir do Arquivo Epitácio Pessôa. O estudo evidencia como os arquivos podem atuar como instrumentos de legitimação e permanência simbólica.

Encerrando a segunda seção, “Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha: o pioneirismo feminino alcança a direção da Biblioteca do IHGB”, de Denise Maria C. G. Porto, resgata a trajetória de uma personagem fundamental para a história da instituição. O artigo destaca sua contribuição para a biblioteconomia, a museologia e a ampliação da presença feminina nos espaços de produção e preservação do conhecimento histórico.

A seção de resenhas apresenta “Portugal e Brasil em mudança (1808-1822)”, de José Luís Cardoso, obra analisada por Guilherme Pereira das Neves. A resenha convida o leitor a revisitar um dos períodos mais decisivos da história luso-brasileira, marcado pelas transformações políticas, institucionais e sociais que culminaram na Independência do Brasil.

Finalizando o número 500, segue a seção de Anexos com o tradicional “Índice da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, publicado em todos os nossos marcos editoriais. Apresentado pelo presidente atual do IHGB, Victorino Coutinho Chermont de



Miranda, o texto introduz este importante instrumento de consulta e destaca sua relevância para a organização e o acesso ao vasto acervo publicado pela Revista.

O índice, elaborado por Ana Virginia Pinheiro, Suzane Garcia e Michel Barbosa de Macedo, reúne e sistematiza as publicações dos números 450 a 499. Ao contribuírem para os esforços de indexação de quase dois séculos de trabalho editorial da *RIHGB*, os autores ingressam na história do periódico ao mesmo tempo em que retomam e refletem essa tradição editorial. Trata-se de uma valiosa ferramenta de pesquisa, destinada a facilitar o acesso de estudiosos e leitores ao rico patrimônio intelectual acumulado pela publicação.

Ao final desta edição tão importante, agradecemos à equipe do IHGB pelo inestimável apoio e a Gabriel Fialho Oliveira e Flávia Salles Tavares, editores adjuntos da revista, cujo trabalho é essencial para a permanência, a excelência e a periodicidade da nossa revista.

Obrigado por chegar até aqui!

Viva a ciência brasileira!

Gustavo Silveira Siqueira

Editor-Chefe

Arno Wehling

Editor Convidado

Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

Editora Convidada